

Escrevivências e interseccionalidade: o encontro teórico-metodológico com a de(s)ingularidade dos atravessamentos¹

Escrevivências e interseccionalidad: el encuentro teórico-metodológico con la de(s)ingularidad de los cruces

Daiane Pereira Soares
Kássia Mota de Sousa

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar os percursos teóricos-metodológicos desenvolvidos pela pesquisa de trabalho de conclusão de curso “Hoje eu me pari: escrevivências como ato de descobertas e resistências acerca da trajetória acadêmica”, realizada em 2023. Ancorados nos estudos de gênero, com abordagem feminista e interseccional o trabalho de TCC e também o artigo em tela, ousaram reunir um referencial teórico-metodológico diverso, que abarca da literatura à teoria de gênero (EVARISTO, 2020; CRENSHAW, 2004;), com múltiplas referências feministas (ANZÁLDUA, 2000; COLLINS, 2017), para romper com as práticas científicas de tradução das mulheres, realizando uma busca pelas suas expressão mais coerentes, assim, ousou metodologicamente, elegendo a escrita coletiva como campo, para a coleta de dados, trazendo à tona, de forma complexa e mais completa, as (des) singularidades e atravessamentos – interseccionalidades – vivenciado por mulheres universitárias no sertão da Paraíba, Brasil.

Palavras-chave: Metodologia. Feminismo decolonial. Interseccionalidade. Escrevivências.

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar los caminos teóricos y metodológicos desarrollados por el proyecto de investigación de fin de curso "Hoje eu me pari: escrevivências como acto de descobertas e resistências acerca da trajetória acadêmica", realizado en 2023. Anclado en los estudios de género, con un enfoque feminista e interseccional, el trabajo del curso y el artículo en cuestión se atrevieron a reunir un marco teórico-metodológico diverso, que va desde la literatura a la teoría de género (EVARISTO, 2020; CRENSHAW, 2004), con múltiples referencias feministas (ANZÁLDUA, 2000; COLLINS, 2017), para romper con las prácticas científicas de traducción de las mujeres, buscando sus expresiones más coherentes, atreviéndose así metodológicamente, eligiendo la escritura colectiva como campo de recolección de datos, sacando a la luz, de forma compleja y más completa, las (in)singularidades y cruces - interseccionalidades - vividas por las mujeres universitarias del interior de Paraíba, Brasil.

Palabras clave: Metodología. Feminismo decolonial. Interseccionalidad. Escritos.

Introdução

O artigo em tela é um desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Hoje eu me pari: escrevivências como ato de descobertas e resistências acerca da trajetória acadêmica”, realizado no ano de 2023. Trabalho o qual foi parido a partir das experiências e vivências privadas, subjetivas e coletivas da autora e das *hermanas*² da pesquisa com o universo

¹ Este texto foi escrito durante os estudos de pós-doutorado da co-autora Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa, ocorrido no Centro de Investigaciones y Estudios de Género – CIEG de la Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM, financiado pela Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES, a qual agradecemos pelo apoio e financiamento.

² Na tradução para o português significa “irmãs”. Nós escritoras feministas decolonias nós chamamos umas às outras a partir dessa expressão. Acredito que é a partir dessa declaração, de irmãs, que conseguimos traçar o comprometimento coletivo que tanto defendemos. Irmãs de vivências e de escritas.

acadêmico. O objetivo da pesquisa foi analisar como as identidades e os atravessamentos que perpassam a vida das alunas graduandas, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP), influenciam em suas formações acadêmicas; para tal, as universitárias escreveram cartas expressando os desafios e as dificuldades encontradas por elas em suas trajetórias. Vale ressaltar que as *hermanas* são mulheres nordestinas que estão situadas entre o Interior Paraibano e o Interior Cearense.

Faz-se necessário descrever este espaço geográfico onde estamos inseridas, Universidade onde se constitui a pesquisa, pesquisadoras e as mulheres, Hermanas, co-autoras da pesquisa. Tal descrição se deve ao fato de que esta é uma universidade federal cravada no sertão nordestino, em uma região de divisa entre estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, abrangendo uma região marcada pela seca não apenas como fenômeno natural, mas, acima de tudo como fenômeno político, pelos movimentos do Cangaço – sendo rota de Lampião e Maria Bonita – pelos movimentos messiânicos – através da presença dos beatos José Lourenço, Padre Ibiapina, Padre Cícero, dentre outros que percorreram estas regiões ao longo dos séculos XVIII e XIX –, região também marcada pela luta por terra, reconhecimento e dignidade protagonizada pelos indígenas e quilombolas, de forma resistente ao longo dos séculos e com grande presença das mulheres nestes movimentos nos dias atuais. Por estas características geográficas, históricas e políticas o lugar conforma pertencimentos múltiplos desvelados pela pesquisa, que impõem aspectos importantes das escrevivências e das intersecções.

Pensar em uma pesquisa que trabalha com as escritas de mulheres subalternizadas, a partir de seus lugares de fala, considerando seus atravessamentos e pertencimentos sociais trouxe um desafio teórico-metodológico para as pesquisadoras, afinal, que metodologia utilizar para trabalhar com as intersecções/atravessamentos das *hermanas* da pesquisa de forma íntegra e respeitosa? Como apresentá-las às leitoras e aos leitores de uma maneira que fique óbvio que elas estão muito além de ser um “objeto de estudo”, mas, que na verdade, são escritoras ativas na produção científica realizada? Foram muitos os questionamentos e reflexões.

A partir do diálogo com intelectuais feministas decoloniais, surgiu a ideia das figuras intituladas: ‘de(s)ingularidade dos atravessamentos’, na qual buscou-se trazer de uma forma dinâmica as intersecções encontradas nas cartas/escrevivências das *hermanas*. Com isso, a proposta deste escrito é apresentar o encontro teórico-metodológico com as figuras mencionadas, evidenciar como a construção destas figuras contribuíram significativamente para a discussão sobre gênero e interseccionalidade no espaço acadêmico e trazer os achados que esse exercício apresentou.

Desencontros, encontros e entrelaces metodológico

Tomada pela reflexão que Patrícia Hill Collins (2017) nos diz sobre não nos perder na tradução, no sentido de termos responsabilidade ética ao trabalhar com a teoria interseccional³, estando íntimas com as feministas decoloniais, com o propósito de impulsionar políticas públicas emancipatórias, a justiça social e o bem público, que procuramos não “sobrar na curva” ao trabalhar com os atravessamentos/intersecções das *hermanas* da pesquisa. A autora demonstra uma certa preocupação com pesquisas contemporâneas que negligenciam a essência e a ancestralidade de tal teoria e, se preocupa, com o reducionismo que a colocam, pois “parecem mais dedicados a descrever a verdade do que criticá-la e reescrevê-la deterioram inadvertidamente o propósito da interseccionalidade em si” (COLLINS, 2017, p. 14).

Diante disso, para não entrar em contradição e não nos perder na tradução, iniciamos um processo de reflexão, procura e práxis acerca de como trabalhar teórico-metodologicamente com a análise da pesquisa, sobretudo, que ao que diz respeito ao desdobramento realizado no artigo em tela, sobre como iríamos apresentar as *hermanas* da pesquisa às leitoras e aos leitores, e refletir e discutir sobre os atravessamentos encontrados, as repercussões que eles causam na vida privada, pública e acadêmica das universitárias e, pensar em alternativas e em políticas públicas de apoio às mulheres no espaço acadêmico.

A priori iniciamos um exercício de leitura e diálogo íntimo com os escritos de autoras feministas, a fim de encontrar resposta para a seguinte pergunta: qual instrumento de coleta de dados devemos utilizar para não se desvincular com a proposta da pesquisa, um instrumento que fizesse com que as identidades das *hermanas* fossem preservadas e que não fosse “fechado”? Deste modo, a partir da leitura e do diálogo com diversas autoras, duas autoras em específico, conversaram diretamente comigo. Gloria Anzaldúa (2000), a partir do seu escrito “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” e Conceição Evaristo (2020) com o seu escrito “A Escrivivência e seus subtextos”.

Gloria Anzaldúa (2000), tomada pelo mesmo conflito de querer escrever um texto teórico-científico que a deixe mais próxima de suas leitoras, sugere a escrita da carta; Conceição Evaristo (2020, p. 35), em uma mesma direção, nos fala sobre o termo criado por ela, a Escrivivência, que segundo a autora “é uma busca por se inserir no mundo com as nossas

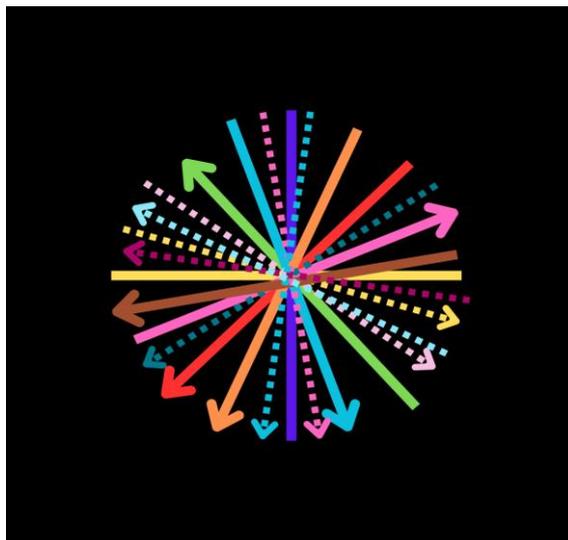
³ Autoras como Crenshaw (2004), Berth (2020) e Akotirene (2020) nos dizem que a interseccionalidade nos instrumentaliza a analisar as estruturas de opressão que um só corpo possa estar inserido, evidenciando que ao tempo que essas estruturas se cruzam, elas potencializam os efeitos discriminatórios e excludentes na vida privada, subjetiva e pública da pessoa.

histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera”, uma escrita que nos possibilita sermos faladas por nós mesmas e, que a partir do momento que falamos de nós, estamos falando de uma coletividade. Foi nessa conversa íntima, com a leitura dos escritos citados, que encontramos, finalmente, o instrumento de coleta de dados da pesquisa: as cartas, a escrita das escrevivências.

Em seguida, outra questão surgiu: qual método de análise utilizar para analisar os atravessamentos/intersecções das *hermanas* da pesquisa? E novamente continuamos com as leituras dos escritos de intelectuais feministas. Durante esta dinâmica começamos um diálogo profundo e reflexivo com o artigo “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero” de Kimberle Crenshaw (2004). Neste artigo a autora supracitada traz ilustrações e símbolos interessantes para trabalhar com as interseccionalidades, ela às retratam a partir da simbologia das confluências entre ruas e o tráfego, para mostrar como as intersecções podem colidir e potencializar o impacto. Deste modo, apreciamos este artigo em específico juntamente com teoria da Interseccionalidade como parte do método de análise.

Com base nos diálogos, reflexões e nos dinamismos com os escritos das intelectuais citadas, introduzimos o processo de análise nas escrevivências das *hermanas* da pesquisa. No exercício da leitura das cartas, fomos anotando as intersecções encontradas e as organizando separadamente, ao terminar de ler as cartas individualmente, seguimos para o passo seguinte: observar as semelhanças e as individualidades dos atravessamentos/intersecções de cada *hermana*. Em seguida, ao observar as intersecções encontradas, encontramos novas intersecções das intersecções. Alicerçadas nos materiais encontrados e ancoradas na proposta teórica-metodológica de Crenshaw (2004), iniciamos a organização do material bruto a partir da representação das intersecções, por meio de figuras, dos cruzamentos de setas e linhas como está representado na figura a seguir:

Figura I - De(s)ingularidade dos atravessamentos



Fonte: Arquivo da pesquisa, Soares (2023).

Como podemos observar na figura acima, dispomos de linhas, setas de linha contínua e setas de linha seccionadas. As linhas centrais, na cor amarela e violeta, representam as intersecções que são semelhantes a todas as *hermanas* da pesquisa, as setas de linha contínua são as intersecções e as setas de linha seccionada são as intersecções das setas de linha contínua. O nome da figura surgiu:

[...] a partir da construção prática dos atravessamentos das *hermanas*. O termo “de(s)ingularidade” é a junção do prefixo “des” com a palavra “singularidade”. O prefixo *des* segundo o dicionário Priberam (online) indica negação, separação ou cessação; já a palavra *singularidade*, segundo o dicionário Dicio (online), significa algo único. Isso indica que ao tempo que esses atravessamentos se cruzam eles formam a identidade das *hermanas*, sua singularidade. Mas, ao mesmo tempo, os mesmos atravessamentos as posicionam em diversos lugares, trazendo à tona “as muitas de si”, por isso o prefixo *des*. Deste modo, trabalhando a singularidade a partir de uma perspectiva de coletividade. (Soares, 2023, p. 44).

Cada cor representa as identidades/pertencimentos sociais/atravessamentos encontrados nas cartas das *hermanas*. Para isso, viu-se a necessidade da criação de quadros para a leitura das figuras:

Quadro I - Leitura das setas de linha contínua

Cor	Nome da cor	Identificação
	Violeta	Gênero
	Amarelo	Estudante
	Verde	Raça
	Laranja	Classe social baixa
	Vermelho	Trabalhadora remunerada
	Rosa	Parentalidade
	Azul	Trajeto
	Marrom	TDAH

Fonte: Soares (2023).

Quadro II - Leitura das setas de linha seccionada

Cores	Nome das cores	Identificação das cores
	Rosa (mesma cor de parentalidade)	Mãe de mais de um/a filho/a
	Rosa claro	Mãe solo
	Rosa escuro	Mãe solo de pessoa com deficiência
	Azul (mesma cor de trajeto)	Mora longe da universidade
	Azul claro	Mora em outra cidade
	Azul escuro	Mora em outro Estado
	Amarelo	Estuda a noite

Fonte: Soares (2023).

A construção das figuras proporcionou uma melhor visualização, tanto para as leitoras e aos leitores terem uma noção dimensional sobre como - levando em consideração as intersecções encontradas - as estruturas de opressão trabalham juntas para potencializar as dificuldades e a exclusão destas mulheres no espaço acadêmico, utilizando as desigualdade para tal (AKOTIRENE, 2020); quanto para nós pesquisadoras visualizarmos o contexto e a realidade em que cada *hermana* está inserida, dando-nos resultados mais aprofundados e coerentes com a proposta da pesquisa. Vale ressaltar que a produção das figuras da ‘de(s)ingularidade dos atravessamentos’ nos assegurou a preservação da subjetividade de cada participante, pois ao fazer uma figura apresentando cada *hermana* de uma maneira individual não abriu margens para generalizações, além de exteriorizar que quanto maiores a quantidade de atravessamentos, maiores serão os impactos na vida destas mulheres.

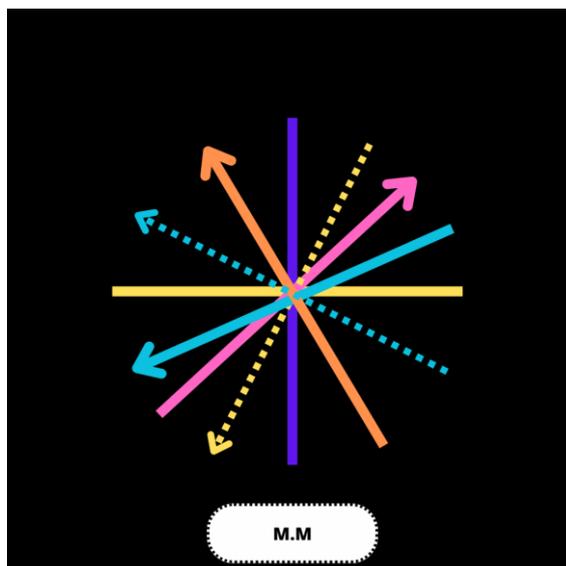
Os cruzamentos e os pontos de intersecção das escriturências: apresentando as *hermanas* da pesquisa

Neste tópico procuramos trazer os achados que a construção das figuras das ‘de(s)ingularidade dos atravessamentos’ nos proporcionou, por meio da apresentação das

hermanas, mostrando como seus pertencimentos sociais, suas realidades e seus atravessamentos influenciam em suas vidas acadêmicas. As voluntárias da pesquisa são graduandas universitárias do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), localizada em Cajazeiras - PB, no Alto Sertão paraibano.

Ao total são nove *hermanas* voluntárias, duas delas moradoras do interior cearense e sete delas são moradoras do interior paraibano. Para preservar suas identidades, elas foram identificadas com as letras iniciais dos seus dois primeiros nomes. Essa escolha se deu com o objetivo de deixar suas “assinaturas” na pesquisa, por compreender que elas também a escreveram junto com as pesquisadoras, por meio de suas escrevivências. A seguir apresentaremos as *hermanas* da pesquisa mostrando a realidade de cada uma.

Figura II⁴ - De(s)ingularidade dos atravessamentos de M.M



Fonte: Soares (2023).

M.M se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de vinte e quatro anos de idade, branca, nordestina do interior da Paraíba, casada, mãe de uma criança de cinco anos de idade, dona de casa, pobre, filha de pai e mãe agricultores e estudou em escolas públicas. Sobre sua locomoção até a universidade, por morar longe, mesmo residindo na cidade que se localiza a universidade, depende de carona de transportes universitários. Foram encontradas em suas escrevivências as seguintes intersecções: gênero, estudante, estudante do turno noturno, trajeto, mora longe da universidade, parentalidade.

⁴ Consultar os quadros do tópico anterior para a leitura das figuras deste tópico.

A *hermana* M.M em sua carta relata que ao terminar o Ensino Médio havia conseguido uma oportunidade de emprego como vendedora, porém faltando três meses para a sua formatura, ela descobre uma gravidez não planejada, na época ela tinha dezoito anos de idade. Neste período e durante o puerpério ela parou de estudar e de trabalhar para se dedicar à sua parentalidade. No entanto, essa pausa nos estudos dificultou seu futuro acesso à universidade:

Por outro lado, eu não contava que o processo para entrar na universidade fosse uma luta árdua. Passei dois semestres tentando com a nota do Enem entrar através do Sisu na UFCG, e a cada tentativa frustrada eu ficava mais longe de conseguir sonhar. Acabei me comparando e me diminuindo por estarem todos os meus colegas de curso entrando nas faculdades e eu ficando para trás como uma linda bebê que me entendia mais do que eu mesma. Me deparei com pessoas da família e amigos me julgando e desacreditando da minha capacidade de ingressar em uma universidade. Escutei pessoas me falando para desistir e para focar em trabalho. Da mesma maneira que as contas na casa da minha mãe iam aumentando, então eu sai pelas ruas da cidade loucamente entregando currículos. (Escrevivência da hermana M.M) (Soares, 2023).

Neste trecho retirado da escrevivência de M.M conseguimos notar os impactos dos atravessamentos em sua vida e como eles operam juntos (fato que iremos notar no decorrer das apresentações das *hermanas*). De um lado ela é atravessada pelas desigualdades de gênero e parentalidade, sendo criticada por familiares e amigos/as por querer ingressar na universidade, por ser mãe e envolvida nos desafios de conciliar maternidade e estudos; por outro lado, ela é atravessada pelas desigualdades de classe, tendo que ir à procura de emprego para ajudar nas despesas da casa de sua mãe. Ela, em suas procuras, conseguiu um emprego temporário como vendedora e em seguida foi selecionada em um curso preparatório para o Enem, mas devido a sua realidade, sua jornada se intensificou:

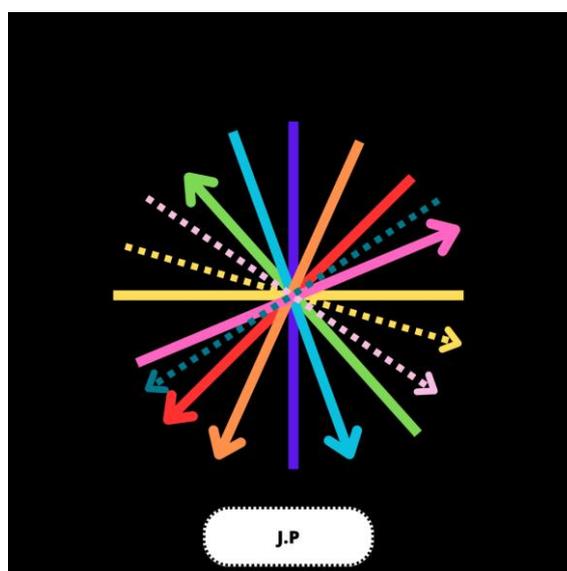
Com uma bebê de oito meses e trabalhando o dia todo quem ia ficar com ela para eu ir assistir aula a noite? Foi ali que eu me vi pedindo a um e outro da família para olhar ela enquanto eu estivesse ausente. Porém todos com suas obrigações e o pai [da/o filha/o] também estudava, meio que eu senti me tirando o direito do estudo, por ser mulher e mãe, e eu tive essa confirmação verbalmente todos os dias alguns me diziam para não continuar. (Escrevivência da hermana M.M) (Soares, 2023).

Depois de três meses de cursinho, M.M conseguiu ingressar na UFCG, no curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa. Trabalhando, estudando e nos cuidados da/o filha/o ela permaneceu até o período da pandemia da COVID-19. Com a pandemia ela precisou refazer a sua vida, casou com o pai de sua/seu filha/o e tornou-se dona de casa, mãe e estudante. Com o fim da pandemia, ela afirma que as dificuldades aumentaram:

Eu moro em uma casinha cedida pela minha avó, moramos eu e [a/o filha/o], o pai [da/o filha/o] mora em outra cidade, isso quer dizer que eu cuido [da/o filha/o] parcialmente solo, eu não tenho transporte o que complica muito o trajeto até a universidade que é localizada do outro lado da cidade, e o que me faz ter que depender da boa vontade dos motoristas em me oferecer carona, é relevante dizer que muitos deles não param e quando frequentemente eu não tenho o valor do moto táxi eu vou a pé para o campus. [...] Nos dias de aula noturna eu pega [a/o filha/o] da escolinha integral às 17 horas e deixo na casa de uma tia. É muito complicado a volta para casa por ser tarde da noite e eu não tenho vizinhos ou alguém para me esperar da aula. (Escrevivência da hermana M.M) (Soares, 2023).

Nos dois últimos trechos acima, ficou evidente a divisão sexual desigual da parentalidade e dos afazeres domésticos, quando, em sua escrevivência ela salienta que é ela quem fica responsável pela casa e pelos cuidados de sua/seu filha/o; além da discriminação de gênero, pela cobrança social imposta somente a ela. Outro fator importante de se destacar, é a questão de sua locomoção para a universidade, que passa pelo atravessamento de classe, pois nem sempre tem dinheiro para o transporte e, pelo atravessamento de gênero, por achar complicada a volta para casa à noite.

Figura III - De(s)ingularidade dos atravessamentos de J.P



Fonte: Soares (2023).

J.P se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de vinte e cinco anos de idade, parda, nordestina do interior do Ceará, mãe solo de uma criança de seis anos de idade, pobre, trabalhadora remunerada e estudou somente em instituições públicas. É estudante no curso noturno de Licenciatura em História, está no seu décimo terceiro período. Engravidou no seu segundo período do curso, devido à falta de políticas efetivas na instituição, reprovou em algumas disciplinas e precisou trancar o curso. Fato que justifica a quantidade de períodos á

mais integralizados. Sobre sua locomoção para a universidade, ela vai de transporte público. Se desloca do Estado do Ceará para o Estado da Paraíba. As intersecções encontradas em suas escrevivências foram as seguintes: gênero, estudante, estudante do turno da noite, raça, classe, trabalhadora remunerada, parentalidade, mãe solo, trajeto, mora em outro Estado.

J.P quando engravidou, no início de sua graduação, ela não tinha renda fixa e morava com a irmã e seus sobrinhos. Foi um momento muito complicado para ela, pois ela se deparou com o abandono do pai da/o sua/seu filha/o, a levando para o “fundo do poço”, o que afetou em todos os aspectos de sua vida, inclusive no seu processo formativo, devido ao emocional abalado:

Foi muito difícil ter que ir para a faculdade todas as noites durante nove meses, e ter trabalhado todas as manhãs e tardes por nove meses. Enfrentar os enjoos e mal-estar, cansaço, e ter que encontrar nos breves momentos que tinha para ler os densos textos das disciplinas, para chegar a noite e aguentar o máximo toda aula possível. Tudo isso com o emocional em ruínas, com pressões absurdas referente ao meu papel. Afinal, eu sentia que se eu queria tanto me formar para ser professora de história, então eu teria que enfrentar tudo isso calada e sem auxílio nenhum, ou simplesmente desistir, deixar aquele espaço, o meio acadêmico. Sentir isso dói, porque você já está tão fragilizada, tão perdida e tão frágil, que se sentir pressionada sobre tudo só torna o processo mais cruel. (Escrevivência da hermana J.P) (Soares, 2023).

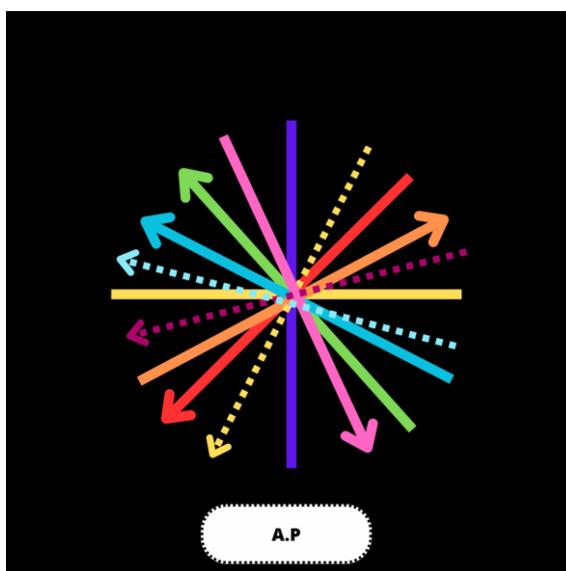
Observamos como o início da trajetória acadêmica de J.P a colocou em grandes vulnerabilidades, sobretudo emocional e psicológica, o que afetou em todas as dimensões de sua vida. Já de início nos deparamos com muitos atravessamentos: abandono, julgamento, discriminação, dificuldade financeira, falta de tempo, trabalho, cansaço, maternidade solo, gestação, estudos, regionalidade etc., o que a colocaram em desvantagens no espaço acadêmico, fazendo com que ela não se sinta pertencente a esse lugar, excluída.

Perto de dar a luz à/ao sua/seu filha/o, ela abriu um processo de licença maternidade na universidade, para dar continuidade ao curso de forma remota, porém as avaliações que faltaram para ela finalizar chegaram com dois dias depois de J.P ter dado à luz. Estando no puerpério ela não teve condições de realizá-las, resultando em sua reprovação, atraso no curso e queda do rendimento acadêmico.

Com o início do outro período, me encontrava com um bebê que mamava em livre demanda de forma exclusiva, não tinha como voltar a estudar e frequentar a universidade, então minha opção exclusiva foi trancar o período inteiro, enquanto os colegas iam seguindo o cronograma. [...] Se alcançamos o direito a universidade, porque o ambiente acadêmico não atende as nossas devidas necessidades? Porque temos que escolher entre se dedicar para uma boa profissionalização e abdicar da maternidade? Porque há tantos sacrifícios por parte das mulheres, e quanto se trata dos homens não são cobrados para abdicarem? (Escrevivência da hermana J.P) (Soares, 2023).

As escrituras de J.P traz muitas questões sensíveis que vão desde falar sobre o abandono paterno, a importância das redes de apoio para as mulheres que são mães e/ou trabalhadoras remuneradas, a falta de políticas públicas de apoio às mulheres na universidade; até sobre a questão da regionalidade, ela, por exemplo, por morar em outro Estado (no interior do Ceará) e ter que fazer um trajeto interestadual, não tinha condições de ir assistir aula com o seu filho que estava, na época, mamando em livre demanda.

Figura IV - De(s)ingularidade dos atravessamentos de A.P



Fonte: Soares (2023).

A.P se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de vinte e oito anos de idade, parda, nordestina do interior da Paraíba, mãe de uma criança com Síndrome de Down de sete anos de idade, viúva, pobre, trabalhadora remunerada, estudou somente em escolas públicas e se autodenomina “fora dos padrões”. É estudante do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, está no seu nono período. Sobre sua locomoção para a universidade, ela vai de transporte público, se deslocando de uma cidade para outra. As intersecções encontradas em suas escrituras foram as seguintes: gênero, estudante, estudante do turno noturno, raça, trabalhadora remunerada, classe, parentalidade, mãe solo de filho com deficiência, trajeto, mora em outra cidade.

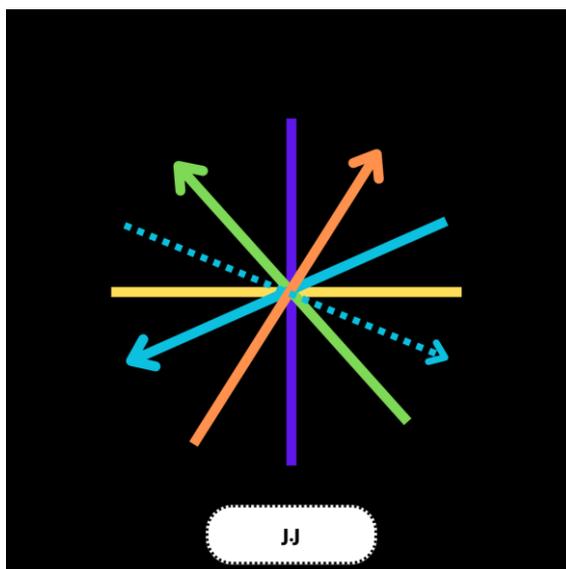
A *hermana* A.P quando ingressou na universidade precisou reorganizar o seu tempo e a sua rotina, pois durante as horas do seu dia ela precisava atrelar os cuidados parentais, o trabalho remunerado, o trabalho não-remunerado (afazeres domésticos), os estudos, as terapias da/o filha/o e considerar o tempo que ela gasta para realizar o percurso entre casa-universidade-

casa, pois reside em outra cidade. Sua luta contra o tempo fica evidente em sua carta e isso decorre de todos os atravessamentos que perpassam por sua vida, o que afeta diretamente no seu rendimento acadêmico. Essa afirmativa fica evidente quando ela diz: “o *único tempo que tenho para estudar era o que estava na universidade*” (A.P, 2023). A *hermana* A.P ainda escreve:

Para voltar para casa sempre avisava minha mãe que já estava chegando e por muitas vezes ela ia me buscar na parada do ônibus ou me encontrar no caminho, por chegar tarde da noite na cidade ainda hoje tenho medo de ser assaltada. [...] Na universidade sinto falta desse suporte pois não conheço nenhuma política pública que possam ajudar as mães acadêmicas e já teve dia de que não tinha ninguém para deixar [a/o filha/o] em casa e como não poderia faltar levei [ela/ele] junto comigo mas graças a Deus a professora usou a empatia comigo e com [a/o filha/o] deixando ficar comigo em sala de aula. Então a vida acadêmica exige muito de nós mães mas a universidade não dá nenhum suporte para isso, tantas pessoas que acabam desistindo do curso porque não tem um apoio, no começo achei que não ia dar conta. (Escrevivência da hermana A.P) (Soares, 2023).

Ela também é atravessada pela questão do trajeto entre casa-universidade-casa. Por morar em outra cidade e estudar à noite, a *hermana* A.P chega em sua cidade muito tarde, o que a deixa insegura e com medo. Outro fator importante de ser destacado na escrevivência de A.P é a falta de suporte às graduandas mães na universidade, pois, a partir de sua realidade e experiências ela não se sente acolhida pela instituição e pôde perceber que muitas mulheres que são mães como ela, desistiram de suas graduações por não ter esse apoio.

Figura V - De(s)ingularidade dos atravessamentos de J.J



Fonte: Soares (2023).

J.J se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de vinte e quatro anos de idade, preta, quilombola, nordestina do interior da Paraíba, da comunidade rural, pobre, a primeira da família a ingressar no Ensino Superior. É estudante do curso matutino de Licenciatura em Pedagogia, está no nono período. Na época da pesquisa residia na cidade da instituição que estuda, dividindo apartamento com uma colega. Sobre sua locomoção para a universidade quando não vai a pé, vai pagando o transporte. As intersecções encontradas em suas experiências foram as seguintes: gênero, estudante, raça, classe, trajeto, mora longe da universidade.

J.J por residir em outra cidade e por não ter a opção de utilizar transporte público para realizar o trajeto casa-universidade-casa precisou residir na cidade na qual localiza a universidade. No início ela morou com o seu tio, que na época era casado e tinha uma criança bem pequena, por morar de “favor” na casa de seu tio viu-se na obrigação de ajudar nas atividades domésticas e nos cuidados do bebê. Sobre os seus estudos, neste período, ela diz:

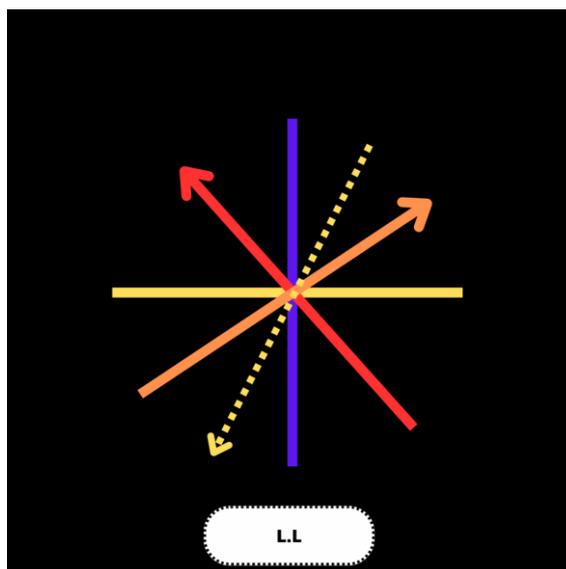
Os momentos que eu tinha para estudar era a noite, era muito complicado, raramente estudava a tarde, a criança era muito agitada, precisava dar suporte a ela e a sua mãe. [...] Ao me escrever lembrei que nessa época não conseguia participar dos programas da universidade como monitora, recordei que passei em uma monitoria e não fui, pois como seria contra turno meus tios ficavam preocupados com a volta para casa a noite, eu também tinha esse medo, mesmo sendo perto (uns 10 minutos a pé). Lembrei que quando a minha mãe falou com ele para eu morar com eles ele pediu para que eu não fosse para a universidade de roupa curta porque no caminho tinha uma obra, vários homens. O mundo é um lugar difícil e cruel para as mulheres, hoje entendo que por mais que essa frase tenha a intenção do cuidado ela é carregada de machismo, então, se eu fosse violentada a culpa seria da roupa que estava usando, seria minha. (Experiência da hermana J.J) (Soares, 2023).

Os atravessamentos de gênero estão demasiadamente presentes neste trecho de sua experiência, ficando evidente como eles afetaram o seu processo formativo, a tirando horas de estudos, confiscando sua participação em programas/projetos da universidade e tirando o seu direito de escolha de se vestir como quiser. Depois de algum tempo ela passou a dividir apartamento com outra mulher/estudante, mas o medo e a insegurança não a abandonaram:

Por várias vezes eu pensei em desistir do curso (escrever tem me feito lembrar e vivenciar minhas experiências, grata por isso), tive medo, eu sempre digo que o mais ruim é ficar longe da família (não tenho família de sangue aqui), muitas vezes me sinto só, isolada em um apartamento, lutando por um sonho que não é só meu (e que bom, porque, talvez, se não fosse isso, não estaria mais aqui). Eu choro ao escrever, porque revivo a minha história, me lembro o quanto eu fui frágil e forte. Tenho medo de voltar para casa só, a noite e com pessoas estranhas, mas, já fiz isso, precisei fazer. (Experiência da hermana J.J) (Soares, 2023).

O medo, a solidão e o pensamento de desistir estavam com ela ao longo do seu percurso acadêmico. O que nos mostram que *hermanas* como J.J (e em parte me coloco nesse grupo) que vem de uma família humilde e vê na educação um motivo para esperar, quando se depara com o espaço acadêmico que não tem nossas feições em suas estruturas, que sente arder o que é viver em uma sociedade desigual, machista e patriarcal - sem ter a nossa família, as/os amigas/os, as/os parceiras/os por perto, que são nossa rota de refúgio - nos fragiliza ao mesmo tempo que nos fortifica, como J.J diz. A *hermana* J.J também traz uma reflexão importantíssima, falando em como seu encontro com mulheres/amigas/camaradas/hermanas/feministas constituiu rede de apoio em momentos como estes: “só pensava no pior, em como é difícil ser mulher, negra estudante em uma cidade sem apoio familiar, em uma sociedade machista, ao tempo em que agradecia o apoio dessa amiga e tantas outras que são colo, estão sempre comigo, mesmo quando me sinto só”. (J.J, 2023).

Figura VI - De(s)ingularidade dos atravessamentos de L.L



Fonte: Soares (2023).

L.L se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de vinte quatro anos de idade, branca, nordestina do interior da Paraíba, pobre, trabalhadora do comércio e estudou somente em escolas públicas. É estudante do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, está no seu décimo período. Reside na mesma cidade da instituição em que estuda. Ela enxerga na educação a esperança de melhores condições de vida. Sobre a sua locomoção para a universidade, ela não depende de transporte público. As interseções encontradas em suas experiências foram as seguintes: gênero, estudante, estudante do turno noturno, classe,

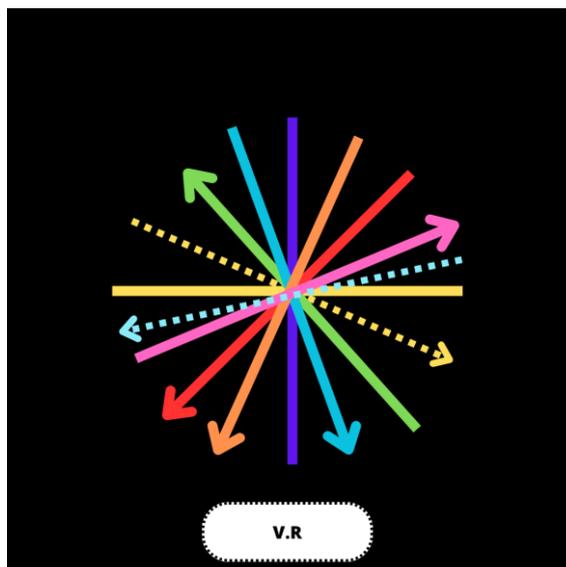
trabalhadora remunerada. Ela inicia sua carta expressando como se sente por ser atravessada por diferentes questões:

[...] em uma conversa com Deus eu disse: “Senhor eu deveria ter nascido corajosa, porque eu nasci mulher”. E quando eu falei isso foi com o pensamento de tipo “caramba, a vida para as mulheres trazem muitos desafios” principalmente quando você faz parte de outros grupos minoritários e que sofre diariamente com as desigualdades. Antes de prosseguir com o meu desabafo, queria fazer um adendo... Estou escrevendo nestas folhas [folhas diferentes das que a pesquisadora disponibilizou], porque agora me encontro no trabalho, não tive muito tempo para escrever antes, porque são muitas as demandas, trabalhando manhã e tarde, estudando à noite e ainda correndo atrás de uma brecha na semana para fazer os trabalhos. Muitas vezes me sinto inútil por não dar de conta de todas as minhas demandas, mas mesmo assim preciso continuar. (Escrevivência da hermana L.L) (Soares, 2023).

A hermana L.L por ser trabalhadora do comércio, trabalhando de segunda a sexta (manhã e tarde) e aos sábados (meio período), trava uma luta constante contra o tempo para conseguir conciliar o trabalho remunerado com as atividades acadêmicas, o que a afeta tanto fisicamente quanto psicologicamente, pois se sente a todo momento cansada e exausta. Todos esses aspectos afetam, também, no seu desempenho e participação plena na universidade, a fazendo denunciar que pessoas que estão em grupos subalternizados tem dificuldade tanto no acesso quanto na permanência neste espaço:

Eu queria muito participar de eventos, de monitoria e de diversos outros programas, mas eu necessitava do emprego, me doía tanto não ir para os eventos, ver a maioria indo e eu não, mas se eu saísse do trabalho eu teria tempo, mas não dinheiro. A partir do conhecimento que fui adquirindo sobre a universidade e sobre os projetos, eu me encantei e coloquei na cabeça que eu queria participar, mas como? Se os programas não são pensados para pessoas como eu, que trabalho o dia todo. Chorei vários dias, porque eu queria fazer parte, queria aprender, mas era impossível. [...] Sobre a universidade, os projetos e programas e até mesmo as públicas não são pensadas a partir das limitações de muitos estudantes. (Escrevivência da hermana L.L) (Soares, 2023).

Figura VII - De(s)ingularidade dos atravessamentos de V.R



Fonte: Soares (2023).

V.R se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de vinte e três anos de idade, preta, pobre, mãe de uma criança de três anos de idade, casada, trabalhadora remunerada, nordestina do interior da Paraíba. Foi a primeira da família a ingressar no Ensino Superior. Já estudou tanto em instituições particulares quanto em públicas. É estudante do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, está no nono período. Sobre sua locomoção até a universidade, ela vai de transporte público, se deslocando de uma cidade para outra. As intersecções encontradas em suas escrituras foram as seguintes: gênero, estudante, estudante do turno noturno, raça, classe, trabalhadora remunerada, parentalidade, trajeto, mora em outra cidade.

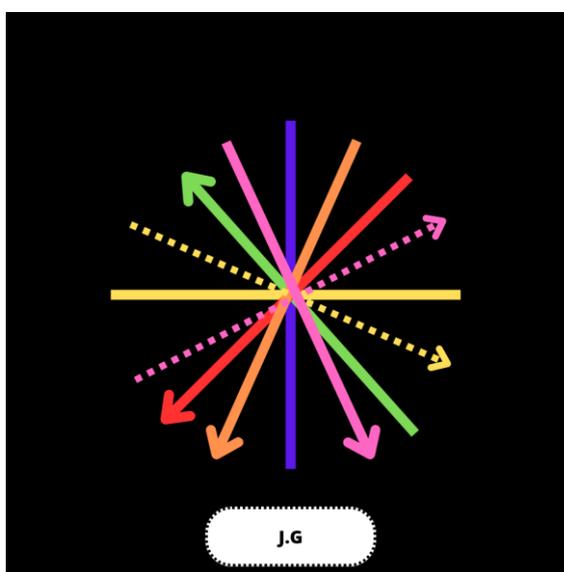
V.R começou a trabalhar muito cedo devido às suas condições econômicas: “*não foi um trabalho forçado, afinal, nós pobres não temos a opção de escolha, e assim fiz. Compreendi muito cedo que a nossa classe social é sucateada e esquecida*”. Por ser mãe, trabalhadora remunerada, estudante e trabalhadora não remunerada (afazeres domésticos), fica difícil, para ela, conseguir administrar o seu tempo, devido às muitas demandas em seu dia a dia. Com isso, para realizar os trabalhos e as tarefas acadêmicas a *hermana* V.R espera a/o sua/seu filha/o dormir a noite para dar início, ficando até a madrugada realizando estas atividades. Sobre sua participação nos projetos e programas da universidade:

A universidade disponibiliza muitos programas e projetos, mas, não participo de quase nada, justamente pela existência de todas as demandas já citadas aqui. [...] Retomando a problemática da falta de suporte da nossa instituição eu sinto como uma dívida e uma falha com todas as mães do campus. É como se nós não existissemos, como se ser mãe não fosse um agravante para a queda do nosso rendimento. E eu sinto muito. Sinto pelas mães que já passaram aqui, por mim que sinto todos os dias

desse peso e também pelas mães estudantes que irão sentir a mesma angústia que sinto. (Escrevivência da *hermana* V.R.) (Soares, 2023).

Como as outras *hermanas* já apresentadas, ela também tem dificuldades em participar dos programas e projetos da universidade e diz que se sente - a partir de uma concepção coletiva, pensando nas alunas mães que compartilham realidades parecidas - invisibilizada e, que a universidade não pensa em políticas públicas institucionais que garantam a permanência e a vivência plena para as alunas mães.

Figura VIII - De(s)ingularidade dos atravessamentos de J.G



Fonte: Soares (2023).

J.G se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de trinta e sete anos de idade, preta, pobre, mãe de três crianças (nove, cinco e dois anos de idade), casada, trabalhadora remunerada, dona de casa, nordestina do interior da Paraíba. Estudou somente em escolas públicas. É aluna do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, estando no nono período. Reside na mesma cidade da instituição em que estuda. Sobre a sua locomoção para a universidade, ela não depende de transporte público. As intersecções encontradas em suas escrevivências foram as seguintes: gênero, estudante, estudante do turno noturno, raça, classe, trabalhadora remunerada, parentalidade, mãe de mais de um/a filho/a.

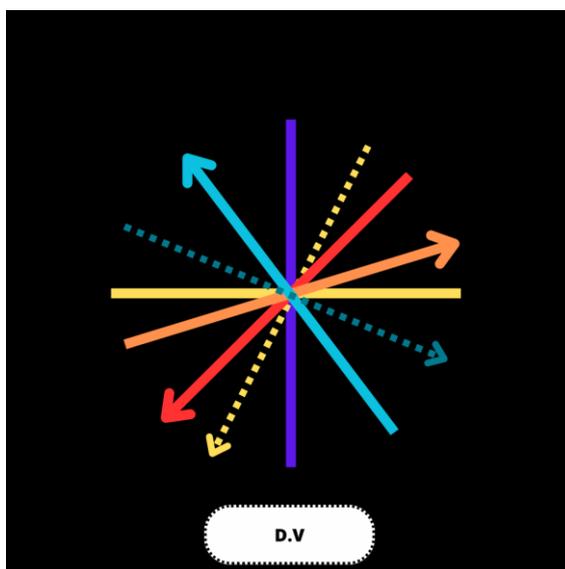
Para a *hermana* J.G a demanda da parentalidade se intensifica ainda mais, por ser mãe de três crianças, além de ser estudante, trabalhadora remunerada e trabalhadora não remunerada. Devido aos muitos atravessamentos que perpassam a sua vida, sua trajetória acadêmica tem sido difícil. Quando ingressou na UFCG ela já era mãe de sua/seu primeira/o filha/o e em seguida engravidou da/o sua/seu segunda/o filha/o, com isso, devido a sobrecarga

de afazeres precisou trancar o seu curso por dois períodos. Após retornar para a universidade ela engravidou da/o sua/seu terceira/o filha/o e decidiu continuar o curso mesmo sabendo das dificuldades que iria enfrentar. Refletindo sobre sua trajetória J.G diz o seguinte:

Ser mãe e estudante é um grande desafio e por muito tempo me senti culpada por não ser mais presente na vida dos meus filhos ou por estar ocupando o meu tempo outras questões que não fossem dar de conta das demandas acadêmicas. [...] Se eu fosse fazer um resumo sobre tudo vivido até aqui diria que sempre vivi em um grande conflito interior, pois se estaria com os meus filhos e com o meu marido sentia que poderia estar estudando mais ou lendo um livro, ao mesmo tempo se estaria estudando ou concluindo um trabalho sentia que estaria negligenciando minha família. Com todos esses conflitos interiores fui acumulando ao longo dos anos uma enorme exaustão, desânimo e para ser sincera esse tem sido os meus maiores desafios. (Escrevivência da hermana J.G) (Soares, 2023).

O sentimento de culpa, exaustão e desânimo a acompanhou por um longo período em sua jornada, pois com o acúmulo de atividades ela não as conseguia realizar de maneira plena, integra.

Figura IX - De(s)ingularidade dos atravessamentos de D.V



Fonte: Soares (2023).

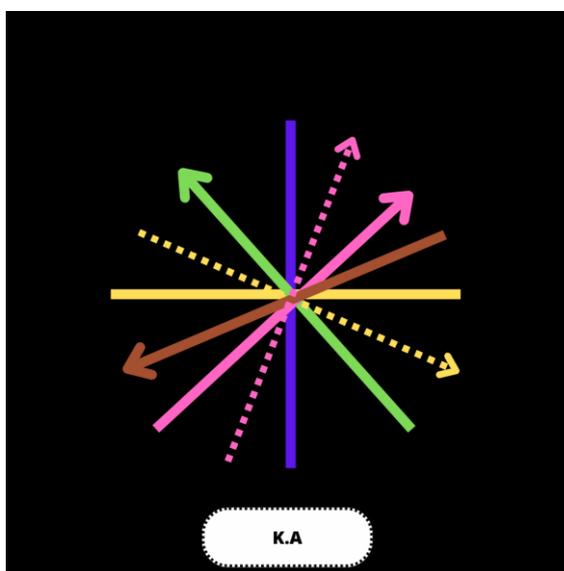
D.V se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de vinte e três anos de idade, branca, pobre, trabalhadora remunerada, nordestina do interior do Ceará e solteira. Estudou somente em escolas públicas. É aluna do curso noturno em Licenciatura em Química, estando no nono período. Sobre sua locomoção para a universidade, ela vai de transporte público. Se desloca do Estado do Ceará para o Estado da Paraíba. As intersecções encontradas

em suas escrevivências foram as seguintes: gênero, estudante, estudante do turno noturno, classe, trabalhadora remunerada, trajeto, mora em outro Estado. Sobre trabalhar e estudar, diz:

Os desafios de trabalhar e estudar são muitos, principalmente para aqueles que precisam se deslocar para outro Estado para cursar a faculdade, como no meu caso. Minha rotina se inicia às 07:00 da manhã, início o trabalho às 08:00 e encerro às 17:00 horas, assim que saio do trabalho, já me direciono ao ponto do ônibus que vai para a faculdade, chegando às 18:00 e retornando às 22:30, finalizando a rotina às 00:30. O fato de trabalhar o dia inteiro de segunda à sexta, impossibilita a minha participação em projetos e pesquisas de extensão, o tempo para se dedicar aos estudos e realizar as atividades do curso são curtos. [...] Com essa rotina, às vezes me sinto atrasada no curso em relação aos outros colegas, que possuem maior disponibilidade. Infelizmente não posso escolher entre trabalhar e estudar, pois os dois são fundamentais. (Escrevivência da hermana D.V) (Soares, 2023).

Por exercer o trabalho remunerado e por precisar fazer uma rota interestadual para ir à universidade D.V tem as horas do seu dia cronometradas. Ela também não consegue participar dos programas e projetos devido aos seus atravessamentos, o que a impossibilita de vivenciar a universidade de maneira plena.

Figura X - De(s)ingularidade dos atravessamentos de K.A



Fonte: Soares (2023).

K.A se descreve/autodeclara da seguinte forma: é uma mulher de trinta e seis anos de idade, tem Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), parda, de classe média, dona de casa, mãe de duas crianças (uma de sete e outra de seis meses de idade), casada e nordestina do interior da Paraíba. Estudou somente em escolas públicas. É estudante do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia, estando no seu décimo primeiro período. Reside na cidade da instituição em que estuda e utiliza do seu próprio transporte para se deslocar para a

universidade. As intersecções encontradas em suas escrituras foram as seguintes: gênero, estudante, estudante do turno noturno, raça, parentalidade, mãe de mais de um/a filho/a, tem TDAH. Ela compartilha sobre como é para conciliar os cuidados parentais, o trabalho não remunerado e as atividades acadêmicas:

O curso de pedagogia é um desafio! Quando eu iniciei eu tinha uma filha de 2 anos, que é uma idade desafiadora, eu como mãe de primeira não conseguia fazer as leituras longas e uma filha pequena querendo atenção, na época eu não tinha o diagnóstico de TDAH, neste período não conseguia focar para ter um bom desempenho, também não tinha uma rede de apoio, tive muito apoio do meu esposo sempre me incentivando, porém perdi 2 disciplinas básicas filosofia e sociologia. Apesar do curso ser noturno e ter o dia para estudar, fazer as leituras para uma dona de casa neste período foi bem complicado, cuidar da casa neste período foi bem complicado, dá conta de afazeres domésticos, cuidar e brincar com filha pequena, testes, projetos e ansiedade e falta de foco. (Escritura da hermana K.A) (Soares, 2023).

K.A mesmo tendo o dia “livre” para estudar - falo livre porque o trabalho doméstico e do cuidado são considerados trabalhos invisíveis, por isso as aspas - não conseguia exercer suas atividades acadêmicas devido a sobrecarga do trabalho não remunerado e pela falta de uma rede de apoio estável. Devido a isso, ela também atrasou o curso e já pensou em desistir, como outras *hermanas* que tem uma realidade parecida com a sua.

Ao tempo que apresento as *hermanas* da pesquisa podemos notar que mesmo tendo suas especificidades, realidades e contextos diferentes elas conversam entre si e seus atravessamentos se encontram. O que reforçou a importância das figuras da *de(s)ingularidade dos atravessamentos* para a discussão sobre gênero e intersecção, pois ao tempo em que respeito suas individualidades também as mostro como um coletivo, devido aos encontros que percebemos ao longo das apresentações.

As figuras também possibilitaram os achados das intersecções, a partir das escrituras, para conseguirmos discutir, refletir e encontrar soluções para os problemas e aflições que as *hermanas* passaram/passam para permanecer na universidade. Evidenciando que as *hermanas* mães, donas de casa, trabalhadoras remuneradas e que residem longe da universidade sofrem com desvantagens no espaço acadêmico. Devido a sobrecarga de trabalho, a desigualdade de classes, a divisão sexual do trabalho, o regionalismo, a violência e a desigualdade de gênero. Evidenciando, também, que quando esses atravessamentos se encontram as desvantagens se ampliam ainda mais. A vista disso, quanto maior o número de atravessamentos, maiores serão os impactos que eles farão na vida destas mulheres, influenciando em suas vidas públicas, privadas e acadêmicas.

“Com a justa compreensão de que a letra não é só minha”: algumas considerações

Intitulamos as considerações finais com a citação de Conceição Evaristo (2020, p. 35) por compreender que ela resume perfeitamente como foi trabalhar com as escrituras e as intersecções das *hermanas* da pesquisa. A pesquisa não foi somente da autora com a colaboração da orientadora, outras mulheres escreveram junto conosco. Por isso, faz-se importante situar, para vocês leitoras e leitores, antes de finalizar este escrito, como as cartas das *hermanas* chegaram até nós. Todas elas, mesmo estando sobrecarregadas, com o tempo curto para realizar as próprias atividades que eram de práxis em seus cotidianos, se interessaram em contribuir para pesquisa, mesmo sendo necessário ter que abrir mais um espaço em suas agendas lotadas para realizar mais uma atividade que demandaria tempo e que a fariam mergulhar por suas memórias mais dolorosas.

Recebemos as cartas em diferentes situações. Esperando terminar de escrever na cantina universitária com o bebê no colo, no caminho para a universidade dentro do ônibus universitário, saindo de suas casas com a/o filha/o não canguro só para fazer a entrega, no trabalho. Tudo isso porque acreditaram/acreditam na potência do nosso fazer científico, da nossa escrita coletiva, da não neutralidade das nossas falas. Todas nós reivindicando, a partir da nossa autodefinição e vivências, por um ambiente acadêmico mais equitativo que forneça políticas públicas de apoio às mulheres que considerem suas especificidades.

Diante disso, os escritos das *hermanas* constituíram aportes teóricos para pesquisa, por serem escritos legítimos, que fogem de um mero senso comum. Compreendendo que ao tempo em que as *hermanas* tiveram o espaço de falarem por si mesmas, sem ser faladas/anuladas por “outros”, a partir da enunciação de seus lugares, conseguimos, juntas, lançar um giro epistemológico no fazer científico (Figueiredo, 2020). Trazendo uma pesquisa que estava “[...] longe de ser uma pesquisa individual, restrita, falada por outros na terceira pessoa”; contradizendo a gramática da língua portuguesa, transformando o “nós” na primeira pessoa do singular (Soares, 2023, 107).

Dessa maneira, indo contra o empoderamento neoliberal que segundo Ângela Figueiredo (2020) é um empoderamento isolado, que não pensa em uma perspectiva de coletividade, somente na individualidade; e indo ao encontro de um empoderamento que a partir da enunciação dos nossos lugares, nós também estamos enunciando uma coletividade. Pensando no bem público, na justiça e na transformação social. Mostrando, a partir deste desdobramento, a importância de aderirmos a uma metodologia que nos deixe mais próximas, em que o som das nossas vozes possa aparecer, que podemos escrever e fazer ciência juntas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 22/07/2024.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Tradução de Bianca Santana. **Revista Parágrafa**, São Paulo, v.5, n.1, p. 06-17, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>. Acesso em: 22/07/2024.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**, Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 07-16, 2004. Disponível em: [BR ART 42 A INTERDECCIONALIDADE NA DISCRIMINACAO DE RACA E GENERO.pdf \(unilab.edu.br\)](https://www.unilab.edu.br/BR_ART_42_A_INTERDECCIONALIDADE_NA_DISCRIMINACAO_DE_RACA_E_GENERO.pdf). Acesso em: 22/07/2024.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosano. (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 59-73. Disponível em: [Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf \(itausocial.org.br\)](https://www.itausocial.org.br/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf). Acesso em: 22/07/2024.

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, p. 02-24, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>. Acesso em: 25/07/2024.

SOARES, Daiane Pereira. **Hoje eu me pari**: escrevivências como ato de descobertas e resistências acerca da trajetória acadêmica. 2023. 186f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2023.